

Prezados trabalhadores e trabalhadoras,

Na condição de presidente do Sindicato dos Eletricitários de São Paulo e com um histórico de mais de vinte anos dedicados ao ativismo social, sempre em defesa de melhores condições de vida de justiça social para o nosso povo, dirijo-me a vocês para compartilhar a minha maior preocupação com a pandemia da COVID-19.

A cada dia que passa, fica mais claro que a politização do combate ao coronavírus vem se transformando em um cabo de guerra político, disputado entre governos estaduais e o governo federal. Troca de acusações, ausência de diálogo e sensibilidade social, são algumas das posturas adotadas por ambos os lados, que, além de nada contribuem com o combate a este vírus, ainda desperdiçam energia, não diminuem a angústia e só aumentam as dúvidas do nosso povo.

Inúmeras são as demonstrações da incapacidade da maioria dos nossos governantes, em descerem dos seus palanques políticos e caminharem como verdadeiros líderes e demonstrarem efetivamente seus compromissos com os mais desassistidos. Faltam respiradores, os testes prometidos não chegam, o auxílio financeiro demora a entrar no bolso de quem mais precisa; sem falar nas comunidades, que estão entregues à própria sorte, e as UTIs, que estão praticamente lotadas.

Agora, a bola da vez é a flexibilização do isolamento social. Quem garante que o retorno desorganizado de todas as atividades econômicas não vai provocar uma explosão no número de contaminados e mortos pela COVID-19? Na última terça-feira (21), o próprio Ministério da Saúde reconheceu que divulgou um número errado de óbitos. É triste verificar um país que não consegue, nem ao menos, contar direito seus mortos e que prioriza o PIB em relação à vida das pessoas.

Eu sempre acreditei e defendi o direito de o povo se manifestar e defender seus pontos de vista. Ocorre que é preciso bom senso e responsabilidade na condução destas manifestações.

Quantos participantes das carreatas dependem de transporte público para trabalhar? Qual o risco de contágio dentro de um vagão de metro ou em um ônibus lotado? Qual a garantia de que uma pessoa contaminada pelo vírus, mas que ainda não apresenta os seus sintomas, não vai contaminar alguém da sua família que pertença ao grupo de risco?

Onde estão sendo alocados os recursos financeiros disponibilizados pelos governos? Será que muitas demissões de trabalhadores não poderiam ser evitadas, otimizando esses recursos? Não podemos esquecer que a reforma trabalhista e a reforma da Previdência, que não geraram nenhum emprego, foram apoiadas por muitos empresários, que, agora, querem a ajuda do governo para não demitir trabalhadores.

O momento exige muita cautela, responsabilidade e coesão social, para alinhar o salvamento de vidas com a retomada das atividades econômicas do país. A economia poderá ser recuperada lá na frente, mas os mortos não serão ressuscitados.

Não posso me calar diante da irresponsabilidade de inúmeros governantes, que demonstram estar mais preocupados com seu futuro político, do que com a vida das pessoas. É claro que gostaria que a nossa economia funcionasse com toda a energia; que empregos fossem criados; que a informalidade e o desemprego deixassem de atormentar a classe operária; mas, no momento, a prioridade é preservar a vida de todos e todas.

Quando esta pandemia estiver controlada, o povo brasileiro deve se unir, se organizar e exigir que os governantes priorizem os gastos públicos e que elaborem políticas públicas para impedir que amanhã tenhamos novamente que escolher entre preservar vidas ou os lucros das empresas.

Juntos na Luta!

Eduardo Anunciato, Chicão - Presidente do Sindicato dos Eletricitários de São Paulo

**RESPEITAR O ISOLAMENTO SOCIAL É
SALVAR VIDAS!**

“

**É CLARO QUE GOSTARIA QUE A NOSSA ECONOMIA
FUNCIONASSE COM TODA A ENERGIA.
MAS, NO MOMENTO, A PRIORIDADE É
PRESERVAR A VIDA DE TODOS.**”



Sindicato dos
Eletricitários
de São Paulo



EDUARDO ANUNCIATO, CHICÃO – PRESIDENTE